

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### Entre máscaras e serpentinas: a campanha civilista na crônica carnavalesca

Vera Lúcia Bogéa Borges\*

**Resumo:** No Brasil, a sucessão presidencial de 1910 contou com a participação de dois candidatos, de um lado Hermes da Fonseca e do outro Rui Barbosa. Inaugurou-se, assim, uma nova etapa na vida política do país, uma vez que temos a primeira disputa à presidência da República com campanha eleitoral. Neste confronto, há um palco privilegiado: a capital federal, centro das decisões políticas da nação. Com a chegada do século XX, a imprensa marcada por grandes transformações passou a ter interesse particular pelo fato político uma vez que este afetava diretamente os seus projetos e negócios. Neste momento, uma das inovações era a crônica carnavalesca que se consagrou enquanto forma de noticiário especializado na cobertura da festa. Discutiremos os ecos da política pela ótica da folia a partir dos jornais Gazeta de Notícias e Jornal do Brasil.

**Palavras-chave:** Carnaval – Primeira República – Campanha presidencial

**Abstract:** In Brazil the 1910 presidential succession had two candidates, on one side Hermes da Fonseca and on the other, Rui Barbosa. We witnessed, in this way, a new era in the country's political life, once we had the first dispute for the Republic's presidential seat that featured an electoral campaign. In this battle, a site stands out: the federal capital, the center of the nation's political decisions. With the arrival of the twentieth century, the press, having gone through great transformations, began to take a special interest in the political event because it directly affected their projects and business. At that time, one of the innovations was the carnivalesque chronicle, which established itself as the specialized coverage of the Carnival festivities. We shall discuss the echoes of politics through the eyes of the merrymaking making use of the periodicals Gazeta de Notícias and Jornal do Brasil.

**Key words:** Carnival - First Republic - Presidential campaign

A campanha presidencial de 1909-1910 apresentou inovações em relação às demais disputas presidenciais na Primeira República. Em primeiro lugar, não temos candidatura única como era comum naquela etapa da vida política do país, mas sim dois concorrentes: Rui Barbosa e Hermes da Fonseca<sup>1</sup>. Os dois candidatos não eram figuras

\* Doutoranda em História (UERJ) e Professora Efetiva de História no Colégio Pedro II (Unidade Engenho Novo II).

<sup>1</sup> Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), na República foi vice-presidente do governo provisório e ministro da Fazenda, cargo no qual promoveu a política econômica do *Encilhamento*. Além disso, foi senador pela Bahia e vice-presidente do Senado entre 1906 e 1909. Nos primeiros anos da República, Hermes Rodrigues da Fonseca (1855-1923) ocupou o cargo de ajudante-de-ordens de seu tio, o marechal Deodoro da Fonseca. O jovem militar gaúcho ainda foi agraciado com as patentes de major e de tenente-coronel durante o ano de 1890. Posteriormente, na administração de Afonso Pena, ocupou o cargo de ministro da Guerra.

desconhecidas na política, sendo nomes presentes desde os primórdios republicanos. Portanto, o marasmo de outros pleitos apresentava uma inovação, havia uma disputa. Os adeptos da primeira candidatura apoiavam a *campanha civilista* em oposição aos seguidores do *hermismo*. De acordo com José Maria Belo,

*Em 1909-1910, na campanha civilista, Rui despertara o Brasil para a insólita experiência de uma disputa eleitoral no ruidoso estilo norte-americano. O que havia de mais espontâneo e de mais puro na consciência nacional, temerosa de um surto militarista e ansiosa de abrir para a vida republicana uma fase nova de livre-concorrência democrática que o redimisse da longa tradição legada pelo Império. (BARBOSA, 1967:s/n).*

As eleições na esfera do executivo federal geravam debates acalorados tanto nas páginas dos jornais quanto nas tribunas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. Ainda não havia sido institucionalizada na vida política do país a fase dos comícios, os *meetings*, como eram chamados pela imprensa a mobilização política popular. Portanto, as esferas de discussões estavam restritas a instâncias específicas. A partir dos primeiros sinais de equilíbrio nas finanças do país, obtidos com os empréstimos no exterior pelos estados cafeicultores estabelecido pelo acordo do *Convênio de Taubaté*<sup>2</sup>, o presidente da República Afonso Pena, que tinha sua base na oligarquia mineira, parecia sentir-se em condições de buscar a contrapartida política e influir nos destinos políticos da nação. A Câmara dos Deputados reagia. Barbosa Lima era um dos defensores da idéia constitucional de que não era lícito o chefe de Estado pretender influir na escolha do seu sucessor. Na sessão de 20 de agosto de 1909, como um dos integrantes do *movimento da coligação*, o político pernambucano proferiu um discurso condenando a condição de protagonista do presidente da República na discussão acerca da sucessão presidencial<sup>3</sup>. Naquele mecanismo republicano poucos escolhiam os candidatos aos postos eletivos, o povo, afastado, não dava à República brasileira uma base de sustentação democrática<sup>4</sup>. Segundo Raimundo Faoro, o regime republicano inaugurado em 1889 extinguiu o sistema censitário da Carta de 1824 mas consagrou o capacitório com a exclusão dos analfabetos<sup>5</sup>.

No Brasil, o confronto de 1910 teve um palco privilegiado: a capital federal, centro das decisões políticas da nação. No final do ano anterior, a campanha hermista apresentou sua plataforma no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A chapa opositora reagiu e

<sup>2</sup> Cf. Thomas Holloway. **Vida e morte do Convênio de Taubaté**: a primeira valorização do café. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

<sup>3</sup> **Anais da Câmara dos Deputados**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909. v. 6, Pp. 610-630.

<sup>4</sup> Cf. **Bibliografia sobre a Campanha Civilista**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981. Prefácio *Um relance* por Francisco de Assis Barbosa. Pp. 6-15.

<sup>5</sup> Cf. Raimundo Faoro. **Os donos do poder**. Porto Alegre: Globo, 1977. v.2.

dois meses depois, nesta mesma cidade, a campanha civilista publicou um manifesto à Nação. Em tempos de carnaval esta movimentação política não passou despercebida. A chegada do século XX assinalou a afirmação da grande imprensa marcada por modificações tanto nos planos de produção e circulação quanto nas relações dos jornais com os anunciantes, com a política e com os leitores. Assim, a imprensa passou a ter interesse particular pelo fato político já que este se ligava diretamente aos seus projetos e negócios. Neste momento, uma das inovações era a crônica carnavalesca que se consagrou enquanto forma de noticiário especializado na cobertura da festa. Discutimos os ecos da política pela ótica da folia a partir da *Gazeta de Notícias*<sup>6</sup> e do *Jornal do Brasil*<sup>7</sup>.

No final do século XIX, a modernização dos processos de impressão, além de diminuir o preço dos jornais, permitiu, ainda, a diversificação gráfica e o aumento quantitativo no número de publicações. Desta forma, não só a imprensa atendia a tendência do mundo que agitava os costumes cariocas, mas a festa carnavalesca também se transformava ao permitir que a cultura popular ocupasse o espaço público burguês através das colunas de Momo<sup>8</sup> que diariamente invadiam os domicílios mais abastados da capital. A expressão síntese da cidade era o *Rio civiliza-se*, portanto tudo deveria seguir os padrões estabelecidos e aos poucos a festa carnavalesca era absorvida pela cultura oficial e transformava-se em expressão da nacionalidade brasileira<sup>9</sup>. Os autores dessas colunas não integravam a elite do jornalismo, pelo contrário, formavam aquilo que podemos identificar como intelectualidade marginal ao representarem vozes que além de defenderem a cultura negra, ainda, denunciavam as arbitrariedades policiais repressivas às massas pelos padrões civilizatórios europeus. Mas no que esta festa tanto ameaçava a minoria privilegiada carioca? Para Nicolau Sevcenko: “... a atmosfera tensa, gerada pela Primeira Guerra Mundial, que deu o impulso decisivo para a dança baseada em ritmos frenéticos tornar-se um das atividades simbólicas preponderantes da vida social”. (SEVCENKO, 1998: 594). Ainda segundo este autor, se a dança se tornava uma paixão, com certeza seu clímax estava no Carnaval.

<sup>6</sup> “Jornal carioca diário fundado em 2 de agosto de 1875 por José Ferreira de Sousa Araújo. Introduziu uma série de inovações na imprensa brasileira, como o emprego do clichê, das caricaturas e da técnica de entrevistas, chegando a ser um dos principais jornais da capital federal durante a República Velha”. Verbete *Gazeta de Notícias*. Alzira Abreu de et al. (Coord.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós 1930**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 2001. v.III. Pp.2507.

<sup>7</sup> “Jornal carioca diário e matutino fundado em 9 de abril de 1891 por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco. (...) em função dos problemas econômicos, o jornal sofreu uma profunda alteração gráfica, passando em 1906, a apresentar a primeira página totalmente ocupada por anúncios classificados. Essas modificações não alteraram porém o conteúdo do Jornal do Brasil, que se manteve voltado para o noticiário popular”. Verbete *Jornal do Brasil*. Alzira de Abreu et al. (Coord.). Op. cit. Pp.2866-2868.

<sup>8</sup> Podemos compreender o cronismo carnavalesco como a estrutura do noticiário especializado desta festa que tem como cenário a cidade do Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> Eduardo Granja Coutinho. **Os cronistas de Momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

Dominó Preto, Vagalume, Jota Efegê, Peru dos Pés Frios eram alguns dos cronistas, jornalistas boêmios que antes de mais nada eram entusiasmados foliões sendo conhecidos no exercício de seu ofício pelos apelidos. Este “baixo clero” jornalístico originava-se das camadas mais baixas da sociedade, ligados às religiões afro-brasileiras e freqüentadores dos terreiros das casas das tias baianas da Cidade Nova, consideradas as pioneiras no incentivo ao samba. Assim, estes repórteres viviam a ambigüidade de serem, a um só tempo, agentes de uma empresa jornalística e promotores do Carnaval que transformam a paixão pessoal em assunto profissional e inauguram a reportagem carnavalesca. Apesar da utilização freqüente das máscaras para incorporação de personagens à folia, o seu uso parecia desnecessário nos dias gordos do festejo:

*É preciso que o folião penetre, se integre e se entregue a uma massa de estranhos para que ele perca as referências da sua identidade e se incorpore na dimensão maior da multidão enlouquecida. Se alguém que o conhece permanecer perto dele, ele não pode deixar de se reconhecer no olhar que o identifica. Daí a necessidade da fantasia e das máscaras como recurso auxiliar de despersonalização. O efeito do Carnaval é dissolver a consciência individual na pulsação sensual dos corpos em comunicação por meio do ritmo. É apenas estando sozinho, portanto, que se pode viver a emoção do coletivo. (...) A loucura de todos nós só pode nascer da loucura individual de cada um. Isso faz do Carnaval uma hora da verdade, ninguém mais precisa manter a personalidade construída para contemplar as pressões, demandas e convenções sociais. (SEVCENKO, 1998: 596-597).*

Com o passar do tempo, a imprensa passa a registrar as atividades desenvolvidas pelas grandes sociedades carnavalescas que surgiam no âmbito dos clubes como Tenentes do Diabo (1855), dos Democráticos (1867) e Os Fenianos (1869). Cada agremiação tinha, além da sua publicação oficial, alguns outros títulos que circulavam pelos bailes que antecederiam os desfiles. Nos dias de Carnaval, essas folhas eram distribuídas pelas ruas com objetivo de esclarecer a população sobre o sentido das críticas e o significado das alegorias. A marca dessas edições era o deboche e apresentavam como inovação literária os chamados pufes, termo emprestado do inglês *puff*, assoprar, e tinha como finalidade despertar o ânimo dos foliões. Aos poucos os pufes passaram a estampar as edições das folhas do jornalismo comercial. Gratuitos num primeiro momento, conforme conquistaram os corações dos leitores tornaram-se matéria paga. De acordo com Maria Clementina Cunha,

*Nos cortejos, dispendiosos e longamente preparados, expunham à população da cidade seus próprios pontos de vista sobre a política, os costumes, os personagens que faziam a vida da cidade e do país. Os temas eram divulgados nas semanas anteriores em grandes anúncios na imprensa, os puffs, para despertar curiosidade: versos cômicos alusivos*

*aos acontecimentos do ano que iriam aparecer nas ruas naquela segunda-feira, alvoroçando a assistência dividida em verdadeiras torcidas. (CUNHA, 2005: 18-19)*

Desde a Convenção de Maio de 1909, na qual os representantes dos Estados indicaram chapa vencedora para a presidência, com Hermes da Fonseca para titular, e que recebeu o apoio do Partido Republicano Mineiro, que em troca garantiu a indicação do vice com o mineiro Wenceslau Brás, muitos acontecimentos agitaram a vida política do país. Dentre os quais podemos destacar a morte prematura de Afonso Pena, a interinidade de Nilo Peçanha no cargo e a recusa, por parte de Rodrigues Alves, em concorrer numa outra frente. O apoio à candidatura militar também veio do presidente Nilo Peçanha, do senador Pinheiro Machado e de alguns estados do norte e do nordeste do país. A reação contrária à “campanha militarista” tinha duas motivações, a primeira contra a ameaça do militarismo, e era este o rótulo que lhe atribuíam os civilistas, a segunda era o direito de o país escolher por si mesmo os seus representantes, entre os mais idôneos, de acordo com a interpretação deles. Além disso, as críticas também acompanhavam o desenrolar da candidatura uma vez que, entre o lançamento da candidatura e a apresentação pública da plataforma de Hermes passaram-se sete meses, finalmente dada no banquete político realizado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 26 de dezembro de 1909. Este aspecto foi largamente explorado por Rui Barbosa ao lançar seu próprio nome à presidência. Para o senador baiano isto era a prova da ausência de idéias do oponente que só se dedicava à carreira militar e que, se tinha idéias políticas, até então não as tinha revelado. A resposta da oposição vem em janeiro de 1910, em clima de pré-carnaval, Rui leu a sua plataforma no Teatro Politeama, em Salvador.

Ainda no mesmo mês, na edição de 30 de janeiro de 1910, o último domingo que antecede o Carnaval, encontramos inúmeras referências à sucessão presidencial. Em uma de suas páginas existem oito personagens da política brasileira, entre eles os dois candidatos à presidência, Rui Barbosa e Hermes da Fonseca, retratados com toques de irreverência bem característicos da festa carnavalesca, sofrem alterações intencionais de seus rostos sob o título de Carantonhas para o Carnaval, entre os quais destacam-se: o Sr. Conselheiro Rui Barbosa com a cabeleira do General Pinheiro Machado; o chefe gaúcho com a respeitável calva do Sr. Barão; o Marechal Hermes da Fonseca com as barbas do Dr. Barbosa Lima entre outras. Algumas páginas à frente, há um puff referente ao Teatro Recreio Dramático conclamando os leitores para,

*Hoje domingo – 2º iniciativico baile popular honrado com as presenças das diretorias dos invencíveis adeptos de Momo: Democráticos, Fenianos, Tenentes do Diabo e Farofas.*

*Bailes hermicivilísticos*

*Que vão agradar em cheio*

*São iniciáticos*

*Do pessoal do Recreio*

*Claras, coradas, trigueiras*

*Dos foliões, bem no meio,*

*Rebolando-se faceiras*

*Dão alegria no Recreio*

*Claras, coradas, trigueiras*

*Dos foliões, bem no meio,*

*Rebolando-se faceiras*

*Dão alegria no Recreio*

*Vinde, pois, sem mais demora*

*Com elas vos divertir*

*Tristezas deem nas pás fora*

*Chega o momento de rir*

*Do Carnaval a festança*

*Já faz sentir o calor*

*Ao Recreio sem tardança*

*Aos bailes com Paz e Amor*

*EVOHÉ! EVOHÉ! Às 10h da noite farão a sua entrada triunfal no recinto desse teatro os garborosos foliões que ao som de uma retumbante Zé Pereira prestarão as honras devidas a Momo. (Jornal do Brasil de 30/1/1910:22)*

Naqueles dias que antecediam à folia, os jornais noticiavam também que a primeira sociedade a se mostrar em público foi a dos Farofas que apresentou no seu terceiro carro alegórico, *Ouro é o que o ouro vale*, os retratos do presidente da República Nilo Peçanha acompanhado de outros políticos: Campos Sales, Joaquim Murinho e Leopoldo Bulhões. O motivo da homenagem, segundo relatavam os alegres carnavalescos da Cidade Nova, se dava pelo fato daqueles cavalheiros não fazerem política para inglês ver e por isso a divisa do carro era: *Quem não deve não teme*. Aqui vale uma observação. Este carro referia-se ao fato do governo restabelecer os pagamentos dos empréstimos contraídos pelo país com a Inglaterra. Desta forma, além dos retratos, viam-se também as armas da República, várias libras esterlinas e alguns versos nos quais se podia ler: “a nossa amada terra, a pátria brasileira e a muito boa amiga do Brasil”.

Segundo Elias Thomé Saliba<sup>10</sup>, durante Belle Époque o humor constituiu-se numa forma privilegiada da história das sociedades marcada por um ritmo alucinante com tantos contrastes, novidades e estranhamentos presentes. Para o autor:

<sup>10</sup> Elias Thomé Saliba. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira: da belle époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

*Fugindo dos verbetes dos dicionários, podemos caracterizar a representação humorística, portanto, como aquele esforço inaudito de desmascarar o real, de captar o indizível, de surpreender o engano ilusório dos gestos estáveis e de recolher, enfim, as rebarbas das temporalidades que a história, no seu constructo racional, foi deixando para trás. (...) Por tudo isso, mais do que percepção e sentimento da ruptura e da contrariedade, a representação humorística é uma epifania da emoção. Ela se dilui na vida cotidiana e só de vez em quando brilha e ilumina, como um intervalo de riso e de alegria na rotina dos ritmos repetitivos e diários. (SALIBA, 2002: 29).*

A associação entre humor e imprensa, também existente na Europa e que já tinha aqui exemplos de jornalismo satírico na Regência bem como nos folhetins cômicos do Segundo Reinado, ganhou maior fôlego com o desenvolvimento da grande imprensa. Assim a produção humorística passou a ocupar lugar fixo e estava cada vez mais freqüente nas publicações periódicas. A sátira política em tempos de Carnaval sempre trazia à folia referências aos principais acontecimentos políticos daquele momento, através de procedimentos, pela utilização de recursos e estratégias de linguagem. Ocupando um lugar privilegiado de mediação entre políticos e sociedade, a imprensa esmiuçava os fatos da vida cotidiana propiciando ao leitor a possibilidade de repensar a história e desvendar a realidade em que estava inserido.

### **Referências bibliográficas:**

ABREU, Alzira de et al. (Coord.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós 1930**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001. 5.v.

ALBERTI, Verena. **O riso e risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Zahar/Fundação Getúlio Vargas, 1999.

**Anais da Câmara dos Deputados**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909. v.6. p. 610-630.

**Bibliografia sobre a campanha civilista**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1981. Prefácio *Um relance* por Francisco de Assis Barbosa. Pp.6-15.

BARBOSA, Rui. *Campanha presidencial*. In: **Obras Completas de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1967. v.XLVI. t.I, 1909. Prefácio de José Maria Belo sem numeração de página.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Os cronistas de Momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CUNHA, Maria Clementina. **Ecos da Folia: uma história social do carnaval Carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *A capital cai na folia*. In: **Revista Nossa História**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, janeiro de 2005. ano 2. nº16. Pp.18-24

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**. Porto Alegre: Globo, 1977. v.2

Fundação Casa de Rui Barbosa. **Rui Barbosa**: cronologia da vida e obra. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

**Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro. Janeiro de 1910.

HOLLOWAY, Thomas H. **Vida e morte do Convênio de Taubaté**: a primeira valorização do café. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

**Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. Janeiro/fevereiro de 1910.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira: da *belle époque* aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *A dimensão cômica da vida privada na República*. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. v.3. Pp. 289-365.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. *A capital irradiante: técnica, ritmos e tiros do Rio*. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. v.3. Pp. 513-619.